

Bancos vão pedir ao Brasil que busque o respaldo do FMI

Banqueiros internacionais consultados pela agência AP/Dow Jones disseram que pedirão ao Brasil que concorde com um programa econômico elaborado em conjunto com o Fundo Monetário Internacional (FMI), como uma condição para que eles venham a emprestar dinheiro novo ao Brasil ou renegociar os prazos dos empréstimos vigentes.

A decisão tomada pelos catorze bancos que negociam em nome de todos os bancos credores do Brasil os coloca em posição de confronto com o presidente brasileiro, José Sarney, e o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que se opõem a um acordo com o FMI. Na semana passada, Sarney suspendeu unilateralmente os pagamentos de juros da dívida externa comercial de médio e longo prazo do País, estimada em US\$ 67 bilhões.

O governo brasileiro poderia não sobreviver à reviravolta que um acordo com o FMI representaria, disseram fontes ligadas ao governo de Sarney. Um pacto com o FMI imporá metas econômicas que o Brasil teria de cumprir a fim de fazer face aos acordos de empréstimos.

"O que eles necessitam é de um gerenciamento econômico apropriado", disse um renomado banqueiro norte-americano, assinalando que o "FMI proporciona duas coisas: dinheiro (em empréstimos) e é um árbitro, um inspetor correto, para um bom gerenciamento econômico".

Contudo, o FMI é largamente tido como um intruso no Brasil, onde o nacionalismo econômico é forte. A divergência sobre a forma de negociar com o FMI foi um dos temas que provocaram a renúncia no princípio deste mês do presidente do Banco Central, Fernão Bracher.

As conversações com autoridades brasileiras deverão começar provavelmente no próximo mês. Enquanto isso, uma equipe do governo brasileiro, liderada por Antônio de Pádua Seixas, funcionário do Banco Central, é esperada em Nova York para explicar a suspensão dos pagamentos de juros da dívida brasileira, disseram banqueiros norte-americanos.

O Brasil, o maior devedor dentre os países em desenvolvimento com uma dívida externa em torno de US\$ 108 bilhões, já está procurando conseguir garantias de que os bancos credores internacionais não fiquem demasiado irados com a decisão brasileira de suspender unilateralmente o pagamento dos juros, segundo um renomado banqueiro norte-americano. Se os bancos começarem a retirar um total estimado em US\$ 15 bilhões em créditos de curto prazo e depósitos do mercado monetário, a economia do Brasil certamente cairia numa recessão severa, com a produção de bens e serviços caindo em cerca de 10%, assinalou o banqueiro.

"Não é do interesse do Brasil causar maiores problemas aos bancos", disse Carl Weinberg, vice-presidente e renomado economista internacional da Shearson Lehman Brothers Inc.

"Certamente haverá um compromisso, mas deverá ocorrer um período de tensão enquanto estiverem sendo realizadas as negociações", assinalou.

Entretanto, a necessidade do Brasil de créditos de curto prazo, a oposição de Washington à suspensão e a probabilidade de uma eventual pressão política dentro do Brasil deverão ajudar os bancos a alcançar um acordo com Brasília.

Os banqueiros também estão descrentes acerca da afirmação de Sarney, na sexta-feira passada, de que as reservas brasileiras de ouro e divisas estrangeiras são de US\$ 3,9 bilhões.

Muitos banqueiros disseram que ficaram irritados pela forma como o Brasil anunciou sua moratória. Muitos deles somente receberam na segunda-feira o telex de Funaro descrevendo a moratória e dessa forma ouviram as primeiras notícias a respeito através da imprensa.

Segundo um renomado banqueiro norte-americano, esse assunto poderia ter sido tratado tranquilamente de forma privada, assinalando que "agora com o mundo acompanhando de perto, certamente as negociações vão tornar-se mais difíceis".